

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

LEANDRO VANDRE ALVES GALINDO

**DA METAPSIKOLOGIA AO MATERIALISMO, DO MATERIALISMO À METAPSIKOLOGIA: UM
ESTUDO SOBRE O PRINCÍPIO DE REALIDADE E A CRIAÇÃO DE SUBJETIVIDADE**

**SÃO PAULO
2017**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LEANDRO VANDRE ALVES GALINDO

**DA METAPSIKOLOGIA AO MATERIALISMO, DO MATERIALISMO À METAPSIKOLOGIA: UM
ESTUDO SOBRE O PRINCÍPIO DE REALIDADE E A CRIAÇÃO DE SUBJETIVIDADE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE PSICÓLOGO SOB A
ORIENTAÇÃO DO PROF. PAULO ROBERTO MOREIRA

SÃO PAULO

2017

AGRADECIMENTOS

Às políticas afirmativas de fomento e incentivo ao Ensino Superior no Brasil, sem a qual não seria possível o ingresso e permanência na universidade, o primeiro de minha família.

Ao orientador Professor Doutor Paulo Roberto Moreira, pelo apoio e paciência.

Aoparecerista do presente estudo Professor Doutor Claudinei Affonso.

A todos os meus professores, pelo afinamento de minha análise crítica e troca de saberes, que um dia eu possa fazer o que fizeram por mim.

Aos meus amigos, Arthur, Davi, Tiago, Digo, Dora, Gá, Gui, Lívia, Maju, Mariana, Marina, Paula, Plus, Rafa, Vesgo, Yas, por auxiliarem minha formação, pelas risadas, escutas, conversas e cervejas.

À Beatriz Prieto, pelas orientações e conversas que contribuíram para a produção e finalização deste projeto.

Aos meus pais, Flávia e André, e irmãos Anderson e Fernanda.

A todos os meus primos e familiares.

RESUMO

O presente estudo procurou publicações de Sigmund Freud sobre o conceito de realidade e sua relação com a subjetividade, assim como as produções dentro de autores materialistas sobre o inconsciente e sua relação com o real, como o faz Vygotski. Também foi avaliado a produção de autores freudo-marxistas a respeito da questão da relação entre realidade e inconsciente. O estudo visou conceitos próximos e antagonistas entre as teorias sobre realidade e a criação de subjetividade, foi constatado que a obra freudiana é desfalcada sobre a consciência, já que os textos relativos a isso não foram publicados, ainda que exista a relevância do real na obra freudiana. Em Freud, mesmo que o princípio de realidade se estabeleça, o princípio de prazer e desprazer tem valor no aparelho psíquico. O conceito de real também se mostra relevante para os autores materialistas dialéticos, pois a realidade é mediada pela consciência ao alterar o teor da realidade, além da realidade objetiva, é possível indicar uma realidade psicológica nessa perspectiva. O freudo-marxismo é um campo fecundo de estudo, embora existam poucas publicações com o tema atualmente, há relação direta com o contexto histórico dessa abordagem desde seu início, que sofreu marginalização pela International Psychoanalytical Association (IPA) e rejeição do movimento comunista internacional. Foi considerado produtivo o estudo a partir de duas teorias antagonistas, no sentido de analisar a relação do material com o subjetivo, e não em uma tentativa de síntese. É indicado mais pesquisas em psicanálise na perspectiva de analisar o princípio de realidade com a criação de subjetividade.

Palavras-chave:Freudo-marxismo. Realidade. Subjetividade.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
2. METODOLOGIA.....	8
3. FREUD E O REAL	9
4. O MATERIALISMO	15
5. O INCONSCIENTE E O MATERIALISMO	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

A composição para o conceito de sentido de realidade na obra freudiana é diversa, foi uma questão apresentada inicialmente por Freud a partir das teses sobre o estabelecimento do princípio de realidade exposta no texto de 1911, intitulado *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental*, na qual o princípio de prazer do aparelho psíquico tem a finalidade de obtenção de prazer, e evitação do desprazer. Já que esse funcionamento inicial não gera obtenção das necessidades, Freud elucida outra forma de funcionamento, e a necessidade de que este se estabeleça para retificar os procedimentos do princípio de prazer, que leva o aparelho psíquico a considerar as exigências impostas pela realidade. Denominada então de princípio de realidade. Mas é possível afirmar aparições do tema em *A interpretação dos sonhos* de 1900, e em *Projeto para uma psicologia científica*, publicada em 1950, demonstrando assim que a questão já era abordada desde 1895.

Segundo Coelho Jr, o termo realidade aparece de diferentes formas nos escritos de Freud: como signo de realidade, crença na realidade, prova de realidade, princípio de realidade, realidade psíquica, negação de realidade, entre outros termos, sem contar com um lócus que os reúne ou os articulem (1995). Além disso, o termo é comumente relacionado a outros conceitos, como mecanismos de defesa, por exemplo. É possível afirmar ainda que a conceituação se expande quando consideramos autores pós-freudianos.

Repa (2013) indica a falta de precisão do sentido de realidade dos autores que tomaram esse como seu objeto de estudo. Não há definição unívoca do conceito, ora é tomado como adaptação à realidade, ou abandono da ilusão dos sentimentos de onipotência e aceitação das contingências, como também a capacidade de considerar a realidade do mundo externo e também a capacidade de objetivação. A autora considera que o conceito pode guardar dados importantes para o entendimento do pensamento freudiano das relações do aparelho psíquico com a realidade.

Outro indicativo que acentua a relevância dos aspectos da realidade é seu valor para discussões clínicas e desenvolvimentos de novas terapêuticas e técnicas, sendo um dos critérios avaliativos a relação do sujeito com a realidade, seu modo de interação, de perdê-la ou substituí-la. Alguns autores sugerem o sentido de realidade critério para determinar o final do tratamento ou não, a partir de um funcionamento integral (Frumkes, 1953).

Freud elucida que um dos traços principais da neurose é a perda da função da realidade, citando Janet. A função do real em Janet era uma função adaptativa as circunstâncias concretas do real, e sua perda leva a indecisão, ineficiência, dúvidas, alheamento da vida prática e social, com relação ao futuro e ao passado (Dayan, 1985). Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* é colocado que toda neurose produz, e provavelmente tem como propósito, arrancar o paciente da vida real, aliená-lo da realidade. Embora Janet descreva corretamente um dos traços da neurose, para Freud a psicanálise estabelece a função do recalque como fundamental para a gênese da neurose.

Para Freud, a negação da realidade ocorre pelo neurótico achá-la insuportável, sendo que tal negação pode ser parcial e ter diferentes níveis, podendo ser totalizante. Não só para Freud a realidade é um sistema monolítico de entes, com a possibilidade de negar apenas uma parte da realidade, é possível encontrar em outros autores psicanalistas que descrevem o evento, relacionada ou não com outros mecanismos de defesa. Em Melanie Klein é possível que o sujeito realize cisão com parte da realidade, impossibilitando que o mesmo nem entre em contato com a parte cindida, nem chega a percebê-la, como algo *a priori* de ser suportada ou não. A psicose ocorre quando a negação é utilizada de forma extremada, e a neurose de forma fragmentada e parcial (p. 89).

Há preocupação em buscar a base psíquica para a função da realidade no aparelho psíquico, já que a relação com o real não se dá apenas no nicho do funcionamento dos órgãos sensoriais e processos fisiológicos, nem tão pouco numa perspectiva evolucionista de adaptação ao meio, pois a tendência primária do aparelho psíquico é alucinar (p. 244). Lacan (1959) indica uma tendência do organismo ao erro, que não satisfaz as necessidades e não produz adequação e equilíbrio, mas a alucina. Logo, uma instância da realidade em nome da ordem se opõe a isso.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud, ao investigar o que as pessoas almejam para suas vidas, descreve basicamente a forma de agir de acordo com o princípio de prazer, ou seja, obter prazer e evitar o desprazer, esse modo, segundo o autor, embora não esteja de acordo com as condições do mundo, entretanto, tem um valor significativo no aparelho psíquico. Ao não obter prazer o funcionamento operará a partir do segundo modo, regido pelo princípio de realidade que evita o desprazer. Há três fontes de desprazer, o próprio corpo, o mundo externo, e dos relacionamentos com outras pessoas.

Em sua obra, existe apenas uma menção sobre o sentido de realidade, encontrada nesse texto de 1930:

(..) a distensão do vínculo com a realidade vai mais longe; a satisfação é obtida através de ilusões, reconhecidas como tais, sem que se verifique permissão para que a discrepância entre elas e a realidade interfira na sua fruição. A região onde essas ilusões se originam é a vida da imaginação, na época em que o desenvolvimento do *senso de realidade* se efetuou, essa região foi expressamente isenta das exigências do teste de realidade e posta de lado a fim de realizar desejos difíceis de serem levados a termo (Freud, 1977, p.88).

É mencionado vários métodos de evitação do sofrimento no texto, como utilização de substâncias químicas, afastamento da vida social, controle científico na tentativa de controlar as forças da natureza, sublimação, amor, entre outras. Neste trecho, Freud o comenta como método de evitação do sofrer e fonte de conquista de algum tipo de prazer que a ilusão da imaginação e do devaneio pode nos trazer, isolando os humanos temporariamente dos sofrimentos do mundo. É um tipo de afastamento da realidade que não deixa de considerá-la, é possível reconhecer o conteúdo fantasioso, sem que isso impeça a obtenção de prazer em algum nível.

2. METODOLOGIA

Será utilizada revisão bibliográfica de textos de Freud, artigos científicos e produções acadêmicas da psicanálise sobre realidade, relação do psiquismo com o real, e dimensão subjetiva da realidade entre diferentes autores. Foram elencados como textos fundamentais de Freud sobre o princípio de realidade: *Projeto para uma psicologia científica* e *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental*.

Foram revisadas produções sobre consciência, realidade e dimensão subjetiva de autores da psicologia sócio-histórica, como Vygotski, sendo esses representantes do materialismo dialético e análise crítica da realidade. Por último, verificou-se autores que utilizam ambas abordagens, psicanalíticas e materialistas, e que abordam a realidade e sua relação com o inconsciente.

Levando em consideração dois modelos de pesquisa, a metodologia dialética, o jogo de opostos como uma das ferramentas de estudos da história e da cultura, e a psicanálise com uma metodologia diferente de análise, salientando ambos pensamentos como distintos, apresentará de diferentes modos maior e menor relevância de explicações ao problema levantado pelo presente trabalho. O estudo não é uma tentativa de síntese entre as duas abordagens, mas sim, a tentativa de analisar a relação entre material e subjetivo nessas duas perspectivas.

3. FREUD E O REAL

Antes de analisarmos os dois tipos de funcionamento mental elucidado na primeira tópica da obra freudiana, se faz relevante indicar o desenvolvimento do conceito de princípio de prazer e desprazer e princípio de realidade, abordada no texto incompleto de Freud denominado *Projeto para uma psicologia científica*, publicada na década de 50, retirado das correspondências com Fliess. Embora o *Projeto* tenha sido engavetado, pois segundo Freud havia outras publicações que necessitavam de mais urgência para serem tratadas, há indícios de problemas conceituais na obra que também podem ter colaborado para a não publicação naquele momento. Esse documento tem não só valor histórico, como também alguns pesquisadores apontam sua relevância em um sentido sistêmico e conceitual.

Nesse texto se buscava explicações a partir de pressupostos históricos da época de se produzir ciência, com termos exclusivamente físico-químicos para o funcionamento do organismo, na tentativa de dar um caráter de ciência natural a psicologia, com processos psíquicos quantitativos e de base orgânica, livres de contradições (1895 [1950], p. 317). O preceito do *Projeto* é fundamentado por dois elementos básicos, o neurônio $|M|$ e a quantidade $|Qn|$, em um estado de fluxo, e está submetida a duas leis de funcionamento.

O princípio de inércia, na qual toda quantidade que entrar no sistema neuronal sairia através de descargas motoras, entretanto, conforme a complexidade do organismo, o sistema neuronal passa a receber estímulos internos para se manter vivo, como nutrição. O sistema não lida da mesma forma entre estímulos exógenos e endógenos, isso ocorre porque os estímulos endógenos cessam após satisfação da ação do organismo no mundo externo, que demanda do organismo uma quantidade de energia, o que obriga o sistema a reter energia para a realização dessa ação quando necessário. O princípio de constância é a regulamentação dessa energia, que exige que a quantidade seja constante e o mais baixa possível, não se afastando do que foi estabelecido pelo sistema anterior.

Freud divide os neurônios em duas classes, mesmo que iguais morfologicamente: neurônios com função de deixar passar quantidade e que se mantêm inalterados pós o processo, e neurônios com barreiras atuantes, com passagem de quantidade dificultada ou parcial e que são transformados após a passagem de quantidade. As barreiras de contato tem função de impedir a livre passagem de quantidade dentro do sistema, já que

é preciso um mecanismo de retenção. Os neurônios que permitem passagem de quantidade compõem o sistema da percepção ϕ , e os neurônios que se modificam após essa passagem formam o sistema da memória ψ (p.350). Foi chamado de trilhamento, ou facilitação, essa modificação permanente nos neurônios, de acordo com a quantidade, intensidade de uma impressão e repetição, são traçados caminhos preferenciais, que podem ocorrer novamente quando o sistema é excitado. É criado assim, além de facilitações para a memória, um sistema valorativo de vias.

Freud tenta responder o que é a consciência e reconhece a dificuldade em desenvolver um conceito, diz responder alguns aspectos básicos. O funcionamento da consciência é formado pelos neurônios w , capazes da conversão de quantidade em qualidade, ou sensações de qualidade. Dentro de um sistema quantitativo, a consciência é a responsável por atribuir a qualidade, é necessário alguma instância que o faça já que não são inerentes aos estímulos externos. As sensações conscientes não oriundas da memória, já que a memória é desprovida de qualidades, sua função é de rememoração, e também não podem ser confundidas com a percepção ou produto dela, já que a consciência está em níveis mais altos do sistema nervoso, além de não ser dados do mundo externo (p.360).

A consciência teria como característica a combinação de percepção de qualidade, caráter transitório e mutabilidade do seu conteúdo. É presumido que os neurônios que constituem o sistema da consciência não recebam muita quantidade, e absorvem estímulos de certos processos e em um período particular de excitação, um fator temporal do estímulo e de movimentação neuronal de outros sistemas. Apenas esse sistema seria capaz do caráter temporal da estimulação, o que cria as qualidades sensoriais. Uma outra classe de sensações conscientes são as sensações de prazer e desprazer, tendo a consciência protagonismo para indicar o desprazer.

A problemática de construir uma teorização sobre a consciência se estende, uma explicação localizacionista é abandonada, assim como a ideia de ser uma função puramente neurológica.

Segundo uma avançada teoria mecanicista, a consciência é um mero apêndice aos processos fisiológico-psíquicos e sua omissão não acarretaria alteração na passagem psíquica [dos acontecimentos]. De acordo com outra teoria, a consciência é o lado subjetivo de todos os eventos psíquicos, e é assim inseparável do processo mental fisiológico. A teoria aqui elaborada situa-se entre essas duas. A consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, isto é, dos processos w ; e a omissão da consciência não deixa os eventos psíquicos

inalterados, mas acarreta a falta de contribuição de w ." (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 363).

O sistema de ω , produzirá os sinais de realidade, sua função tem extrema importância nas relações com o real. Como elucidado, os estímulos endógenos são acionados constantemente, quando transformados em estímulo psíquico atingem o sistema neuronal após alcançar o limiar de excitação, processo denominado somatização. A quantidade quando presente no aparelho ψ constitui as vontades, "os derivados das pulsões", que exigem ação específica para escoar essa energia crescente.

A tendência inicial do aparelho é de descarga através do sistema motor, como o choro, por exemplo. Esse movimento trará alívio, mas não o suficiente para interromper o processo de somação, algo realizado no mundo externo que é exigido para obtenção de satisfação. Devido as nossas condições de desenvolvimento nos primeiros anos, não podemos realizá-lo sozinho, e precisamos da ajuda de outro ser humano, que nos oferece um objeto que satisfaça e cesse o estímulo momentaneamente, finalizando assim a somação. Há três consequências desse processo, chamado de experiência de satisfação. É produzida a descarga do que causava desprazer no sistema, assim como uma memória do objeto, e uma imagem motora decorrente da ação. Existe uma conexão simultânea entre os processos. Há ainda uma quarta consequência, devido ao trilhamento ou vias de facilitação, será produzido uma preferência de passagem no sistema de memória.

Freud supõe que quando uma nova situação de necessidade ocorre, a primeira a ser investida é a imagem do objeto resultante da primeira vivência de satisfação, e depois a imagem motora é investida. O organismo acionaria um movimento reflexo, mas o objeto está ausente da realidade externa mesmo que presente apenas por representação, não há possibilidade de descarga de energia (p. 372). Seguindo esse modelo, a alucinação dos objetos de satisfação é tendenciada pelo aparelho psíquico, sem diferenciação entre objetos de percepção e memória.

Apenas o objeto real possibilita a satisfação, cessando o processo de somação e o desprazer, o que faz que o aparelho diferencie o objeto real (percepção) de uma lembrança (ideia) de objeto. Para isso ocorre uma nova organização neuronal que interfira no sistema facilitado de ψ , chamado de eu , que vai inibir a tendência à descarga imediata estabelecendo outras vias de investimentos colaterais, modificando a quantidade, que até aqui estaria sujeito a ser reinvestida naquele objeto de satisfação. Esse sistema não será suficiente para realizar a diferenciação, outros recursos do eu serão desenvolvidos, como

pensamento, percepção, atenção, cognição, memória e juízo. O *eu* não é uma instância sem isenção e imparcial, ele também tem catexias de desejo, com influência, e pode produzir falso conhecimento de percepção (p. 429).

Até aqui, Freud indica que o desprazer é a única fonte de indicação que não houve descarga e exige adequações, num sentido de educação para conseguir a satisfação (p. 426). Devemos destacar ainda a corporeidade também como decisivo na avaliação do real, pois o julgamento da realidade passa por sensações corporais do *eu*, imagens motoras de si mesmo e experiências de corpo (p. 386).

Voltemos ao texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, aqui a terminologia neurológica é abandonada, algumas indicações teóricas reaparecem quando comparadas ao produzido em *Projeto para uma psicologia científica*, e novas considerações são apresentadas.

Um dos processos mais antigos, regulado pelo funcionamento que se inclina diretamente à obtenção de prazer, e concomitantemente evita o desprazer, o Princípio de Prazer e do Desprazer, que como já citado, o excesso de energia libidinal no aparelho é tido como desprazer, e sua eliminação prazer.

É retomado que a busca imediatista pelo prazer tende a investir representações psíquicas que em outro momento pode trazer satisfação ao organismo, mas essa tentativa é alucinatória devido a frustração de alcançar os objetos, o que convoca o organismo a considerar a realidade externa e investir em um objeto real, com ação adequada e específica no mundo externo, para que haja descarga e satisfação pulsional. Mas para que isso seja realizável, o Princípio de Realidade deve ser instituído. Uma nova adaptação é exigida, e alguns processos psíquicos são submetidos a ele. A realidade externa deve ser considerada, a motricidade precisa ser modificada, pois o mecanismo arco-reflexo do princípio para a descarga não é apropriada para a realidade, agora a ação deve alcançar um objetivo.

O pensamento também modificou-se de acordo com o princípio de realidade, essa atividade que poderia ser inconsciente de direção às representações de objeto, tem agora representações de palavras que atingem a consciência, sendo possível suportar o aumento de energia pulsional enquanto aguarda para satisfazê-la. É como se fosse uma elaboração mental através do pensamento para desenvolver a ação (p. 240). Entretanto, há uma parcela de pensamento que funciona de acordo com o princípio de prazer, a fantasia, e isso mostra que pelo menos uma parcela do aparelho psíquico continua em um

modelo arcaico de funcionamento na busca do prazer, ao fantasiar, a dependência dos objetos reais são abandonadas, e a satisfação ocorre de acordo com esse princípio (p. 241).

Segundo Freud, a característica mais estranha dos processos inconscientes é o desprezo pelo teste de realidade, que equipara o desejo com a realidade externa e realidade de pensamento, sob o domínio do princípio do prazer (p. 243). Aponta ainda a diferença de princípio de realidade para as pulsões do eu e para as pulsões sexuais. As modificações realizadas pelo princípio de realidade são inicialmente válidas para as pulsões do eu, já as pulsões sexuais se desenvolvem de forma diferente. Por sua característica auto-erótica inicial, que leva um longo período sem ter frustração da satisfação pulsional, o que faz o aparelho modificar-se para considerar a realidade e, com isso, atingir seu objetivo. Quando a pulsão sexual encontra um objeto, há um período de latência que atrasa ainda mais as modificações de funcionamento. Freud elucida a complexidade desse processo, informando que há pessoas em que a substituição operada pelo princípio de realidade pode nunca ocorrer devido ao retardamento. Esse movimento demonstra a relevância da satisfação auto erótica das pulsões sexuais.

Como parece ser mostrado até então um funcionamento organizado de forma que haja comunicação e influência entre eles, a divisão entre os campos do princípio de prazer e o princípio de realidade não é bem demarcada. O pensamento da fantasia interfere o pensamento racional, e esse pensamento tende a recalcar um pensamento desprazeroso, com impedimento ao acesso das representações da mesma a consciência, que poderia trazer desprazer. Isso pode ocorrer pela inibição da ideia antes mesmo ser notada pela consciência. Essa disposição é, então, colocada como um ponto fraco da nossa organização (p. 241).

Freud descreve como os espaços do princípio de realidade vão sendo invadidos pelo princípio do prazer, passando por uma parcela do pensamento, parte das pulsões, e o domínio do pensamento racional fica comprometido. As fronteiras do eu são bastante móveis, parte do ego-prazer busca o prazer e evitar o desprazer, e o ego-realidade corresponde ao que é útil e se protege contra danos. Isso não significa que uma instância funciona em detrimento da outra, mas sim que o princípio de realidade protege o princípio de prazer, de modo a obter prazer da maneira mais seguro, um prazer momentâneo e incerto, é substituído por um prazer seguro (p.242).

Vimos até aqui como Freud relaciona sua teoria com o real, independente do conceito a ser tratado provavelmente terá relação direta ou indireta com a realidade objetiva ou como essa é percebida, entretanto, a relação com a realidade nos textos psicanalíticos ocorrem de forma sucinta, cabendo ao leitor a crítica a seu respeito. Vejamos como aparece a relação de realidade e criação de subjetividade a partir da epistemologia materialista.

4. O MATERIALISMO

Vygotski, um dos autores da sócio-histórica, desde 1925 indicava a necessidade de se avançar os estudos sobre a consciência. Apontava que a exclusão da consciência no campo do estudo científico da psicologia resultava em dois caminhos diferentes. Um desses caminhos postulações sobre uma psicologia sem "psique", com ocorrência dos comportamentos humanos sem processos subjetivos. E uma outra com puramente a "psique", desvinculada de comportamento. A Instituir assim posições dualistas, dicotômicas, entre interno/externo e objetivo/subjetivo.

SegundShaff, a partir de considerações marxistas, o homem existe como espécie e como indivíduo, é resultado e produto do desenvolvimento histórico, e logo, um produto social. Além de produto da evolução biológica, também é produto da historicidade, mutável, relacionada a uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Está para além de um sujeito pertencente a uma sociedade com ligação a outros, mas também que se constitui a partir de determinadas condições sociais, resultado de gerações anteriores (1987, p. 69).

É uma visão de humano concreto com mediações pelo social, determinações históricas e sociais, que não pode ser entendidas isoladamente sem suas relações. Marx fala de um indivíduo ativo, que não tem sua vida determinada pela própria consciência, mas sim que sua consciência que é determinada pela sua vida.

Há importância também em colocar o homem não só como resultado de seu meio, um reflexo imediato, passivo, inativo, sem criatividade. O fato do determinismo de historicidade coloca o humano como mediação. Para entender essas ideias, alguns autores indicam a retomada de uma questão fundamental. A natureza humana *versus* condição humana. Ao se assumir que o indivíduo não é produto da natureza, concomitantemente se assumi que não há "natureza humana" de caráter universal. Isso implica situar o humano historicamente, o que seria desnecessário se tomássemos o último ponto. A psicologia, ao estudar o homem na perspectiva de natureza humana gera um processo de ocultamento das condições que produzem desigualdades, parte a ser constituinte do aparato ideológico, impedindo a compreensão da realidade social, e por conseguinte, a realidade psíquica (Bock e Neves, 1995).

Para Aguiar (2000), é mais adequado assumir a ação do homem sobre sua realidade, que constrói suas existência a partir dela, com objetivo de satisfazer suas

necessidades. É através da ação significada que o humano transforma a realidade objetiva em realidade humana e cria também suas condições de existência, e com isso transforma a si mesmo. Sem que se perca a singularidade, sociedade e humano vivem em uma relação de mediação.

A tarefa da psicologia seria a tentativa de compreensão do indivíduo em sua singularidade, essa que é sua internalização e expressão de sua condição histórica e social, ideologia e relações. Para Vygotski, um postulado tido como orientador é de que as funções psicológicas no desenvolvimento cultural da criança aparecem duas vezes, primeiro no plano social, e posteriormente no plano psicológico. A formulação é complexa, representa uma crítica as teorias que tomam às funções superiores como resultado de maturação, o que corrobora para a ideia de desenvolvimento humano como processo natural. Para Wertch, Vygotski pensa que o desenvolvimento "natural" ou biológico, produz funções primárias, e o desenvolvimento cultural as transformam em funções superiores. Sendo assim, as funções superiores são produtos do meio sociocultural. A natureza psicológica são as relações sociais internalizadas que se tornaram funções estruturantes para o indivíduo (Vygotski, 1993). Uma das razões da relevância dada pelo autor à origem do pensamento e linguagem.

Um dado importante na obra de Leontiev (1978) é de que a realidade objetiva preexiste independente de uma pessoa em particular. Essa realidade objetiva passará a fazer parte da subjetividade de um indivíduo, e por isso ela é negada enquanto tal, pois sempre passará a ser realidade subjetiva. A realidade objetiva representa o objetivo no subjetivo, e uma forma particular de existir no mundo exterior no interior. A realidade é mediada, um não vive sem o outro, sem que um se dilua no outro. Nesse sentido é pela possibilidade de agir no mundo externo que se cria a chance de mudança interna, através da atividade externa.

Dessa forma, os signos, entendidos como instrumentos convencionais de natureza social, tem a linguagem como forma privilegiada de apreensão, segundo Vygotski, uma palavra é um microcosmo da consciência humana (1993), por isso o autor coloca a semiótica como o método adequado para estudo da estrutura sistemática da consciência. A atividade, quando internalizada, ocorre como atividade significada, mediado pela semiótica. A consciência é semioticamente estruturada, resultado dos signos, instrumentos da cultura construídos coletivamente, que quando internalizados se tornam instrumentos subjetivos da relação individual consigo mesmo. Signo é algo que possui

significado, remetente de algo externo, e elemento integrante de funções psíquicas superiores.

A palavra signo tem relação direta com a importância dos signos, em um sentido epistemológico, diferente da rigidez de sinal, signo indica movimentação, é vivo, plurivalente, não é neutro. A palavra é tomada como lugar de confronto entre contradições e conflitos. Todo signo é ideológico, e toda ideologia encadeia uma modificação na língua, a palavra vai indicar variações das relações sociais, não só as ideologias constituídas mas também as ideologias do cotidiano, as exprimidas no dia a dia. Ideologia pode ser o espaço de contradições, não só de ocultamento como diz Marx, sendo ela uma representação do real, e tudo que é ideológico, é signo (Bakhtin, 1991). O signo, como condutor de influência interna, regulador de ações sobre o psiquismo das pessoas, e não de transformações do mundo externo, como uma ferramenta.

No processo de internalização, certos aspectos da estrutura da atividade que foram realizados no plano externo passam a acontecer no plano interno, a internalização não é um processo transferencial da qual o externo passa para o plano da consciência, mas sim os processos mediante os quais formam esse último. A consciência abriga o processo psicológico, a realidade social transformada em psicológica, processo sempre em elaboração e construção. Assim, ao internalizar algum aspecto da estrutura de uma atividade, internaliza não apenas a atividade, mas essa com significado, um processo social mediado pela semiótica. O homem transforma a natureza com sua atividade por meio de instrumentos, e assim transforma a si mesmo. O ser humano se forma a partir de uma relação dialética com a realidade social, não é mera transposição do plano social para o indivíduo. A conversão, como chama Vygotski, constitui a transformação de materialidades concretas em produções simbólicas, um processo semiótico de descobrir/assumir uma significação nova das coisas (Pino, 1995).

Segundo Vygotski, pela mediação das relações sociais, matéria é convertida em produção semiótica, e processos de dimensões sociais convertidas em processos de dimensão individual. Ocorre a conversão de algum elemento da realidade social, e mesmo que isso permaneça como algo social, passa a ser um elemento constitutivo do sujeito. Para o autor, o significado da palavra é uma unidade de análise, para compreender a gênese da consciência é preciso analisar os processos de internalização da linguagem. Para ele, o significado de uma palavra é tão estreito que é difícil indicar que se trata de um fenômeno da fala ou do pensamento (1993, p. 113). Na análise de Freitas (1994), o significado só é fenômeno do pensamento quando o pensamento ganha corpo

pela fala, e só é fenômeno de fala quando a palavra está ligada ao pensamento, sendo por ele iluminada. A linguagem é instrumento fundamental no processo de mediação das relações sociais.

A constituição do sujeito, no campo da intersubjetividade, lugar de encontro, confrontação e negociação dos mundos de significação privados de cada um, à procura de um lugar comum de entendimento e produção de sentido, mundo público de significação (Smolka, Góes e Pino, 1995). É no campo da intersubjetividade que se dá a consciência da subjetividade.

O processo de significação não é exclusivo da cognição e intelecto, há também a dimensão emocional, que assim como outras categorias, não pode ser analisada de forma dicotômica, pois processos cognitivos não ocorrem descolados de processos cognitivos, e a emoção deve ser vista como uma das dimensões fundamentais da consciência, assim como linguagem e pensamento. Além de natureza social, as emoções têm caráter comunicativo, constituintes de uma linguagem, e podem desencadear o desenvolvimento da consciência, como também fragmentá-la (Lane, 1994). Segundo Heller sentir significa estar implicado em algo, que pode ser baixa ou alta implicação, mas nunca implicação zero, pois seria um acontecimento sem significado. Novas situações na vida, qualquer que seja, geram implicação (1985, p. 30).

Muitas lacunas se mantêm no estudo de compreensão do humano e suas expressões, como um ser singular, social e histórico. As emoções, por serem constituídas a partir das experiências, as vezes são significadas, tomando um sentido para o sujeito e possibilitando expressão pela linguagem, por outro lado isso pode não ocorrer. O que faz com que alguns autores façam uma reflexão sobre o inconsciente já que alguns sujeitos não significarem.

Para Vygotski o inconsciente é constituído por aspectos não significados, negados culturalmente e socialmente, fenômenos fragmentados que continuam a existir independente de tomarmos consciência deles. Isso pode causar falsa aparência de conhecer o que determina uma ação, mas na realidade a causa pode ser outra (1991). Consciência e inconsciência são uma unidade segundo Rey (1996), mesmo que vivam em tensão constantemente, o inconsciente é tudo aquilo que ainda não foi simbolizado até o momento. Existem experiências que não são possíveis de serem apreendidas totalmente no momento, há sentidos que não podem ser significados pelo sujeito, o que pode resultar na fragmentação deslocada de seu processo de constituição, que

aparentemente foi significada. Há experiências que são vividas mas não necessariamente significadas, que não houve passagem pelo canal de simbolização. Hellen (1985) considera inconsciente memórias armazenadas sem conceitualização, decorrentes de um duplo movimento, não se tem significado de um acontecimento e por isso não somos capazes de colocá-lo em nosso mundo, ou ainda não se é capaz de julgar a importância desse fato, motivo pela qual o armazenamos.

Consciência e inconsciência, assim como outras unidades abordadas aqui, também formam uma relação de mediação, um não dilui o outro, mantém suas identidades, e um não existe sem o outro. Aguiar (2000) afirma que o inconsciente é parte constitutiva da consciência – inconsciente que também é social e histórico – da tensão entre eles há o processo de ressignificação, aspectos não significados podem se articular, e o processo de ressignificar o transforma em um processo consciente a partir da imposição do inconsciente para a consciência.

Rey afirma que a análise psicológica não pode ficar no plano da atividade e suas operações, mas que deve se dirigir às operações internas, subjetivas, base de diferentes formas de atividades, que mudam e se desenvolvem através dela (p. 5). A subjetividade tem papel produtor, pois coloca o novo no social, sem essa não haveria relação dialética. As “configurações subjetivas”, segundo o autor, é uma categoria que pretende explicar uma zona do real, que possibilita maior compreensão da constituição do interno e do novo, definir os diferentes sentidos subjetivos dos eventos sociais vividos pela humanidade. A história do interno, do subjetivo, é que vai colocar significado ao externo.

5. O INCONSCIENTE E O MATERIALISMO

Sigmund Freud foi o fundador da Psicanálise e do principal conceito da sua teoria: o inconsciente, criadas entre os séculos XIX e XX.

Essa nova concepção foi revolucionária no pensamento ocidental. Muitos passaram a considerar o inconsciente como elemento determinante do comportamento humano. Segundo Bosch (1979) enquanto se considerava que o psiquismo se dava somente no campo do consciente, havia lugar para a arbitrariedade e causalidade de fenômenos psíquicos. Mas quando se considera o inconsciente, no lugar do arbitrário aparece o determinismo psíquico.

A tentativa de relacionar as teorias psicanalítica e marxista ocorre há certo tempo, autores como Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Erich Fromm, Schneider, Michel Simon, entre outros, fazem algumas sínteses entre os dois pensamentos, algumas melhores sucedidas do que outras (Viana, 2008).

Marx faz referências ao que podemos chamar de uma pré-consciência, não no sentido psicanalítico do termo. Acredita que grande parte do que denominamos ser consciente, na verdade se opera por moldes sem o conhecimento do homem, e que esse racionaliza essas ações (ideologias), o que lhe satisfaz subjetivamente (Fromm, 1979). Indica ainda que o homem só será livre quando tomar conhecimento dessas forças, ou seja, por via da realidade, se apropriando das forças cegas. A fundamental diferença deste conceito para Marx e Freud é onde oriunda o que determina o homem. Para Freud se dá em um nicho de libido e instintos. Para Marx ocorre no sentido de historicidade, logo, forças históricas que permeiam a evolução no processo de desenvolvimento socioeconômico do homem.

Em seu ensaio *Pour une Critique Marxiste de La Theorie Psycanalitique*, Lucien Sève (1980) se questiona se tudo sobre a relação da psicanálise e do marxismo já havia sido dito, entretanto, levanta a relevância do mérito histórico por Freud reconhecer a sexualidade com processos sociais e ideológicos. Concomitantemente se manteve preso às ideologias dominantes em seu tempo, às concepções mais essenciais ao indivíduo, enraizadas nas relações burguesas, levando a psicanálise à condição de ideologia reacionária.

Já Politzer (1975), mesmo sustentando que a psicanálise é um campo de fundamental importância, afirmou que Freud jamais chegara, juntamente com seus discípulos, a uma compreensão das relações entre indivíduo, a lei psicológica individual e histórica. Diz ainda que assim como a frenologia e o hipnotismo, a psicanálise será um

método superado, prognóstico datado de 1934. Segundo análise da obra deste autor por Sève, que o cita com frequência, independente da crença de alguns psicanalistas sobre a imparcialidade de sua ciência, não é possível dissociá-la da utilização política que se faz dela (1980, p.163).

Freud discute questões sociais em alguns textos, como Totem e Tabu de 1912, diz ter descoberto o fator determinante dos atos de formações psíquicas. Análise semelhante em O Mal-Estar na Civilização de 1930, afirma estar no complexo de Édipo as bases da sociedade e suas manifestações, como arte, moral e religião (1947).

O primeiro estudo estruturado entre a psicanálise e marxismo ocorre na Alemanha na década de 30, se ramificando para outros países, pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, ou Escola de Frankfurt, muitas vezes confundida como uma corrente filosófica, mas sabidamente uma instituição de estudos marxistas, da qual alguns teóricos se encarregaram de estudar esse pensamento em outros contextos, como estética, artes, e psicanálise.

Chamada de freudo-marxismo, Willem Reich, Herbert Marcuse, entre outros, buscavam a aproximação entre as duas teorias, levando em consideração a relação direta entre uma psicologia individual e social, principalmente após os textos de análise social de Freud. Ressalta-se que não houve uma síntese das correntes teóricas, já que havia divergência entre elas, mas a leitura do capitalismo como fator de criação de subjetividade era tônico, entretanto era visto diferentemente a depender do autor. Marcuse, ao unir Freud com Marx, trasladou as categorias não-históricas e psicológicas do pensamento de Freud para as categorias eminentemente históricas e políticas do marxismo, (Robinson, 1971).

O próprio Freud elucida a importância de ciências não psicológicas tomarem partido da psicanálise, principalmente a filosofia, pois a descoberta das atividades anímicas inconscientes se faz considerar a relação entre o físico e psíquico como intrínsecos, com extraordinária afinidade entre inconsciente e fenômenos conscientes. Sendo assim, área de interesse também da sociologia, conhecendo complexos inerentes a todos os indivíduos, forças instintivas, unidades afetivas e os resultados finais a que cada pessoa chegou (Freud, 1974).

Para Reich, pioneiro na visão da psicanálise como uma contribuição do materialismo dialético para interpretação de ideologias de uma determinada sociedade, acreditava como insuficiente a psicanálise para completar essa concepção, mas podendo desempenhar um papel auxiliar, como psicologia social (1973).

A teoria das pulsões é um dos pontos centrais na psicanálise, já que a existência social do indivíduo limita a satisfação das pulsões. Freud, ao elaborar sobre o princípio de realidade teria reunido todas as limitações e pressões sociais com tendência a limitar e ou retardar a satisfação. Atualmente o princípio de realidade na sociedade contemporânea é o princípio da sociedade capitalista, baseada na economia privada, da qual impõe ao proletariado extrema limitação de suas necessidades, como obrigações religiosas, modéstia, forma sexual monogâmica e muitas outras. Essa imposição funciona como manutenção de poder da classe dominante e ao aceitá-la, o proletário valida em nome da cultura sua exploração e a sociedade capitalista (Reich, 1973).

Reich afirma que a sociedade capitalista interfere que a psicanálise seja verdadeira, já que está pautada em valores burgueses, que impede a cura radical das neuroses. E que no processo de adaptação da teoria, a sociedade burguesa estaria fadada à servidão e a morte (1973). Segundo Althusser, Reich cometeu erros ao relacionar Marx e Freud e indica que cometeu preconceito ideológico do monismo ao desconsiderar a existência de duas substâncias, buscou afinidade entre dois autores de duas teorias, com base em um objeto, ou seja, buscou os efeitos inconscientes com os efeitos de luta de classes, e sendo assim, não há homogeneidade entre os autores (Althusser, 1985).

Ainda segundo Althusser, as duas teorias como exemplo de dialética buscam a verdade sobre o homem, da qual não são construídas com uma unidade central, mas um conjunto de instâncias construídas pelo jogo das relações sociais e pelo jogo do recalçamento inconsciente. Com unidades de funcionamento conflituosas, a formação de subjetividade do indivíduo, assim como a formação social seriam um sistema sem centro (p. 75 - 93).

Podemos elucidar que hoje há Psicanálises, e não somente aquela desenhada por Freud. Alguns de seus discípulos da qual evoluiu sua teoria concordando com suas postulações, também fizeram modificações e novas hipóteses a respeito da teoria do inconsciente, mesmo no período da qual ainda estava vivo. Dentre outras "escolas" de psicanálise, a escola francesa, tendo o nome de Lacan uma das maiores expressões, propõe uma releitura do freudismo para além do tratamento, como tempos diferenciados de sessões e periodicidade. A crítica a concepção mentalista e pouco rigorosa de inconsciente conduz ao pensamento do inconsciente como uma estrutura de linguagem (Dunker, 2006).

Segundo Saussure (1977), a língua humana é um sistema de signos, de valores puros, em que cada signo vale por sua diferença em relação aos demais do sistema. Lebrun (2008) chama de subjetivação o momento de entrada na estrutura de linguagem e

a constituição do aparelho psíquico. A linguagem enquanto lugar de produção de sentidos, supõe uma inscrição no simbólico e nas leis do simbólico, no qual cultura e história intervêm (Orlandi, 2002). Esse pensamento implica que para haver sujeito e inconsciente, deve-se dar relevância a transmissão de significantes, que é realizado com o contato - convivência com outros, e para que isso ocorra, é preciso passar pelos significantes desses primeiros outros, que transmitem a lei do simbólico. Logo, os significantes tidos como pessoal é constituído e afetado por terceiros. O processo de subjetivação é atravessado pela materialidade significativa do outro (Mariani e Magalhães, 2010).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud quando fazia considerações sobre a consciência, que estavam sendo escritas no período da Primeira Grande Guerra, que nunca foram publicadas, o que talvez pudesse trazer colaborações não somente para o presente trabalho, mas também para outros de diferentes áreas com questões a respeito da relação de consciência com a realidade (1917/1996, p. 238). Não há dados para indicar se esse fato corroborou para a realidade ser abordado pela psicanálise em um viés mentalista. Há poucas publicações com uma visão crítica sobre a realidade com esta orientação teórica.

Se faz presente nos textos de Freud os aspectos políticos que perpassaram a psicanálise e suas produções a depender do contexto histórico da qual se encontravam, não à toa a linguagem se modifica de O Projeto para outros textos. Qualquer possibilidade de alteração da teoria do pai da psicanálise sofria alguma consequência, assim foi com outros teóricos da psicodinâmica, que discordaram do modelo de Freud de algum modo, como Jung por exemplo. A ordem de Freud continua de certa forma, as associações de psicanálise agora dão o teor do que é psicanálise ou não.

Por que não se fala mais em freudo-marxistas? Seus maiores representantes eram psicanalistas da Escola de Frankfurt, como já elucidado se tratava de uma escola de estudos marxistas, o movimento tem data de 1920 a 1975 (com algumas publicações com esse referencial teórico um pouco mais recentes), seus representantes ligavam os dois pensamentos, o marxismo e o freudismo como possibilidade de libertação do homem. Todos os freudianos que aderiram ao marxismo foram expulsos, perseguidos, e marginalizados pela International Psychoanalytical Association (IPA), ao mesmo tempo que esses freudo-marxistas foram rejeitados pelo movimento comunista internacional que sempre criticou o freudismo como ciência burguesa (Roudinesco e Plon, 1998). É possível indicar que essa escola sofre resistência na psicologia até hoje, devido seu caráter contraditório de objetos de estudo.

Foi aqui mostrado que a realidade objetiva é mediada, o que é objetivo tem um teor subjetivo a depender do sujeito, de suas vivências, sua cultura e seu tempo histórico. Levando em consideração características importantes da sociedade brasileira, como país colonizado pela coroa portuguesa, último país a abolir escravidão, assim como peculiaridades na expressão de racismo velado, homofobia e machismo na nossa sociedade, distribuição de renda e neoliberalismo, entre muitas outras, podem afetar o

psiquismo e a dinâmica estrutural e econômica que essa se estabelece? Ou como se dá a mediação entre realidade objetiva e realidade psicológica a partir dessas diferenças?

É necessário mais estudos sobre a realidade e dimensão subjetiva, a partir da psicanálise. A maior parte dos autores de grande impacto em psicologia são estrangeiros, que partem de uma história e contexto sociocultural diferentes do que foi historicamente construído no Brasil, e ainda assim utilizamos massivamente essas teorias para analisarmos nosso contexto sociocultural, principalmente em psicanálise, isso não necessariamente é ruim, mas perdemos a oportunidade de se verificar diferenças a partir de referenciais produzidos aqui mesmo, de história e cultura compartilhadas, e analisadas criticamente. O presente estudo é um passo inicial, a ser aprofundado a investigação sobre realidade e criação de subjetividade, em um viés psicanalítico, e de forma crítica, pelo autor em uma futura tese de mestrado.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Freud e Lacan. In: _____. Marx e Freud: introdução crítica-histórica. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1991.
- BOCK, A. M. B., NEVES, W. M. J. Por uma prática promotora de saúde em orientação vocacional. A Escolha profissional em questão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- BOSCH, M. *Freud e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.
- COELHO Jr., Nelson. A força da realidade na clínica freudiana. São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- DAYAN, Maurice. *Les relations auréoles dans la psychose*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- DUNKER, C. I. L. - Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana In: História da Psicologia - Rumos e Percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2006, v.1.
- ERICK, F. *Meu encontro com Marx e Freud*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FREITAS, M. T. A. Psicologia e Educação: um intertexto Vygotski e Bakhtin. São Paulo: Ática, 1994.
- FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. (In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI) Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1895 [1950]) Projeto para uma Psicologia Científica, ESB, vol I.
- _____. (1911) Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental, ESB, vol XII.
- _____. (1930 [1929]) O mal-estar na civilização, ESB, vol XXI.
- _____. *Totem e Tabu*. (In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI) Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. Além do Princípio de Prazer. (In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- HELLER, A. Teoria de los sentimientos. Barcelona: Fontamara, 1985.

FRUMKES, George. Imparimento of the Sense of Reality as Manifested in Psychoneurosis and Everyday Life. In: International Journal of Psycho-Analysis, 34, p 123-131, 1953.

LACAN, Jacques. (1959-1960) O seminário livro 7: A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

LANE, S. T. M. A Mediação emocional na construção do psiquismo humano. In: LANE, S. T. M., SAWAIA, B. (orgs). Novas veredas da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARIANI, B. e MAGALHÃES, B. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010

ORLANDI, E. *Língua e conhecimento lingüístico*; para uma História das Idéias no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

VIANA, N. *Universo psíquico e reprodução do capital: ensaios freudo-marxistas*. São Paulo: Escuta, 2008.

SAUSSURE, F. de. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1977.

SÈVE, L. *in Encontros com a civilização brasileira / Moacir Feliz et al* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 21, 1980.

___2. p.163

SCHAFF, A. O Marxismo e o indivíduo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

SMOLKA, A., GÓES, M. C. R., PINO, A. A Constituição do sujeito: uma questão persistente. In:

WERTSCH, J., DEL RIO, P., ALVAREZ, A. Sociocultural studies of mind. New York: Cambridge University, 1995.

REICH, W. Materialismo dialético e psicanálise. 2. ed. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1977.

ROUDINESCO, E. PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PINO, A. A Questão da significação: perspectiva sociocultural. Campinas: FEA/UNICAMP, 1995. (temas em Neurologia, v. 4)

- POLITZER, G. *Críticas dos fundamentos da psicologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1975.
- REPA, R. F. B. O desenvolvimento do sentido de realidade em Freud. 2013. 199f. Dissertação (mestrado), Psicologia Social, PUCSP, São Paulo, 2013.
- ROBINSON, P. *A Esquerda Freudiana*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WERTSCH, J. *Vygotski y la formación social de la mente*. Barcelona: Paidós, 1988